

Autárquicas 2013: desbloqueio do sistema político moçambicano?

Por Luca Bussotti*

Muita coisa aconteceu nas eleições autárquicas de 2013: supostas (mas seria melhor dizer quase certas) fraudes, jornalistas detidos, crimes eleitorais apurados por quem devia garantir a imparcialidade do processo eleitoral (caso de Nampula, por exemplo), uma comunicação social pública claramente não livre. Aconteceu também que a Renamo não concorreu e que o MDM teve um resultado assinalável em todas as partes do país, com proporções diferentes de acordo as províncias e principalmente nas zonas urbanas.

Entretanto, aquilo que mais me impressionou foi a declaração de um indivíduo de grande prestígio, nacional e internacional, o antigo Primeiro-Ministro, Pascoal Mocumbi, o qual declarou que agora estão criadas as condições para que possa haver alternância no poder, com uma afirmação alusiva às próximas eleições gerais de 2014.

A questão que coloco é a seguinte: será que, antes dessas eleições locais, as tais condições não tinham sido criadas? A resposta a esta pergunta representa, eu julgo, uma das chaves de leitura para percebermos melhor a complexi-

dade dos processos políticos e sociais que estão atravessando neste momento Moçambique.

Na minha opinião, é preciso partir dum conceito que pouco tem sido usado pelos cientistas políticos que têm lidado com questões moçambicanas. O conceito de “democracia bloqueada”. Com efeito, Moçambique, desde a sua entrada nos países democráticos (primeiros anos 90), viveu num sistema político de acordo com o qual um partido (a Frelimo) devia governar, um outro (a Renamo) devia opor-se. Um tal cenário tinha sido – explícita ou implicitamente – desenhado pelos próprios Acordos Gerais de Paz de Roma, em 1992. A Renamo conseguiu resultados significativos: primeiro, a abertura definitiva (após a aprovação da Constituição de 1990) do sistema institucional para o pluralismo; segundo, o reconhecimento como força política legítima. Mas ninguém, sinceramente, podia imaginar que a Renamo pudesse vencer as eleições e tomar posse do poder, pelo menos ao nível do governo central. Talvez nem a própria Renamo. A comunidade internacional via o partido de Dhlakama com grande suspeita, como um movimento de resistência que destruiu um país inteiro, tendo o apoio de regimes racistas, tais como o de Ian Smith e da África do Sul da

apartheid. Os seus homens não estavam minimamente preparados para governar um país tão complexo como Moçambique.

Foi por isso que, nas eleições de 1999, apesar das sérias dúvidas que até hoje permanecem sobre o resultado nas presidenciais, não houve muitos reparos por parte da comunidade internacional, apesar das reclamações da Renamo, que culminaram na tragédia das mortes na cela de Montepuez, em Novembro de 2000.

Quando, em 2009, o MDM foi excluído de nove círculos eleitorais num total de 11, as coisas andaram diferentemente. Os doadores adiaram a aplicação dos fundos previstos, e o país entrou numa crise bastante relevante, tão grande, que alguém atribuiu parte da causa dos tumultos dos dias 1 e 2 de Setembro de 2010 justamente a este atraso nos pagamentos.

Verdade ou não, este episódio deixa vislumbrar um facto: a opinião pública, inclusive a internacional, olhava ao MDM como a uma força nova, jovem e que podia representar uma esperança para o país inteiro. Assim, a sua exclusão levantou a uma quase-crise entre o Estado moçambicano e parte dos doadores. Coisa que não tinha acontecido com as eleições de 1999.

O MDM constitui uma novida-

de num duplo sentido: primeiro, o seu bloco social é formado por jovens, com escolarização médio-alta e urbanizados. Em suma, as classes emergentes do país. Segundo, o MDM nada tem a ver com a história recente de Moçambique, ou seja com o conflito dos 16 anos que destruiu o país, mas que foi a base para edificar a nova democracia moçambicana. O bipartidarismo que Frelimo e Renamo construíram desaguou numa democracia “bloqueada”, em que só havia espaço para essas duas forças, com tarefas bem traçadas. A única ligação que o MDM pode ter com a história de Moçambique relaciona-se com a figura do seu líder, Daviz Simango, cujos pais foram fisicamente eliminados, ainda na altura da independência, pelo regime de Samora Machel.

É por isso que o MDM não só está conquistando simpatias sempre maiores entre as camadas sociais dinâmicas do país, empurrando a Frelimo para um papel de partido conservador; mas mesmo no seio da comunidade internacional é aceite como partido apresentável, sem o passado sombrio como o da Renamo, e com um pessoal político preparado para governar o país. Basta pen-

sar nos candidatos mediamente de alto nível que concorreram nos municípios nestas autárquicas.

Por isso é que a declaração de Mocumbi faz sentido: agora é que a democracia moçambicana parece estar nas condições de garantir a alternância, de ser finalmente “desbloqueada”, entrando numa fase nova e inédita. O desafio está claramente lançado. Cabe portanto à Frelimo recolhê-lo. Como fazer isso determinará a evolução política até às eleições gerais de 2014. Será que a Frelimo irá fechar-se em si mesma, tentando manter o controlo da comunicação social pública e dos órgãos que deveriam averiguar a imparcialidade do processo eleitoral, tais como CNE e STAE? Ou será, pelo contrário, capaz de fazer um salto de qualidade, propondo figuras novas, um programa de governo credível, em suma, entrando numa lógica de uma democracia plenamente realizada e já não bipartidária, em que cada voto tem que ser conquistado? Os próximos meses darão resposta a todas estas questões todas.

*Investigador no Centro de Estudos Internacionais – ISCTE-IUL Lisboa, antigo professor na ECA-UEM



TANGLOMANGLO
Fernando Manuel



Ainda me resta o suicídio...

Com estas chuvas que têm caído inesperadamente na cidade e sobre minha cabeça, sempre que saio do clube ganhei um vício: É o vício de andar de txopela. Não é que seja uma coisa muito agradável, mas pelo menos sinto-me seguro e sei que vou chegar a casa. Andamos aos empurrões com esta babelónia de carros, vou dando alguma conversa ao txopelista do género; onde você vive, quantas mulheres tem, filhos, se estudam ou não, se o dinheiro que ganha chega para sustentar a vida

ou não e ele, entre uma mudança e o não, sem olhar para trás vai respondendo: Tenho duas mulheres, tenho 32 anos, uma está em Nkobe e a outra vive comigo no Zimpeto. Os meus filhos estudam e passaram de classe. Estou agora a tentar engatar a terceira mulher. E eu pergunto, és feliz ou não? Ele aí olha para trás e diz. O que é ser feliz? E a chuva cai, ele deixa-me em casa, pago 100 meticais e ele diz: Se precisares de mim amanhã, a minha esquina é mesmo aquela. Não sei se isso me dá direito de ser feliz. Chego a casa bato à porta, porque já me roubaram a campainha

a milhares de anos, a minha família está a ver televisão e ri-se das piadas das telenovelas, sinto-me infeliz e só. Vou a cozinha, aqueço o caril de amendoim com carapau, junto de arroz com a cabeça apoiada na mão esquerda enquanto oiço os risos da minha família na sala com as piadas brasileiras das telenovelas.

No fundo, não sou assim tão infeliz, tenho casa, luz, água e netos. E também para ser franco vou dizer, ainda me resta o suicídio.



FUNGULAMASO
Carlos Serra

carlosserra_maputo@yahoo.com
http://www.oficinadesociologia.blogspot.com

353

Malandragem internética

O texto abaixo surgiu no meu blogue às 19:25 de 30 de Novembro.

A malandragem internética é vasta.

Por exemplo, pode acontecer que alguém exiba - se não exibiu já - em blogues e/ou redes sociais falsos destroços que atribuirá ao nosso avião das LAM.

Em momentos de comoção, as nossas defesas preventivas estão entorpecidas e são facilmente permeáveis a malandragens desse género.

A tipologia da malandragem internética, franqueada ao sen-

sacionalismo mais primário tipo “Yahoo news”, vai desde os ciberpistoleros anónimos aos fabricantes de falsos testemunhos e de boatos, passando pelos produtores de vídeos de formadores da realidade e pelos descarados parasitas do copia/cola/“mexerica”.

Ao nível do parasitismo, por exemplo, um mapa por mim colocado neste diário citando uma fonte namibiana é suficiente para, minutos depois, irradiar através de oportunistas internéticos que jamais indicam de onde verdadeiramente o copiaram.